

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
FORMAÇÃO INTERCULTURAL DE EDUCADORES INDÍGENAS
HABILITAÇÃO: MATEMÁTICA.

Dária Cristiano Braz

(Hemüngãy Pataxó)



**As transformações na saúde da Aldeia Barra Velha no contexto da pandemia de
Covid-19.**

Belo Horizonte

2022

DÁRIA CRISTIANO BRAZ

(Hemüngãy Pataxó)

**AS TRANSFORMAÇÕES NA SAÚDE DA ALDEIA BARRA VELHA NO
CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19.**

Percurso acadêmico apresentado à
Universidade Federal de Minas Gerais
como requisito parcial para Obtenção do
título de Licenciada em Matemática, pelo
Curso de Formação Intercultural de
Educadores Indígenas FIEI/FAE/UFMG.

Orientadora: Érica Dumont Pena

Coorientadora: Rosamaria Loures

BELO HORIZONTE

2022

DEDICATÓRIA

Dedico meu trabalho a meu pai, ao meu povo, a todos da equipe de saúde da minha aldeia, as minhas entrevistadas e a todos que me apoiaram e não deixaram eu desisti em nenhum momento.

Dedico esse trabalho aos anciãos de minha comunidade por estarem sempre repassando seus ensinamentos as nossas novas gerações.

“tem remédio para aliviar dor, e tem ervas que curam” (Dona Bia).

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a niamisun (Deus) por ter nos proporcionado o dom da vida e ter chegado até aqui.

Agradeço a meus familiares, em específico meu pai Nabor por não deixar eu desistir dos meus estudos, pois sempre que precisei ele estava lá para me incentivar a segui em frente.

Agradeço a meu esposo por cuidar de nossos filhos no período de meus estudos longe de casa, agradeço também a minha cunhada, minhas irmãs, minha mãe e minha sogra por sempre estarem cuidando de meus filhos dando apoio ao meu esposo, para que eu continuasse firme.

Às lideranças de minha comunidade que lutaram e lutam para hoje nós termos bons estudos.

Agradeço a todos os meus colegas, agradeço em especial meu amigo Dalton por me ajudar a manter minha matrícula quando não deu para eu vim estudar, quando estava de licença maternidade.

Agradeço também a todos os nossos representantes do FIEI, nossos professores, coordenadores, bolsistas, diretoria, a todos que lutam para nós indígenas termos o melhor desempenho em nossos estudos.

Agradeço a minha orientadora e coorientadora por sempre me acalmarem quando eu tive medo de não conseguir concluir meu trabalho de pesquisa.

ORAÇÃO DO POVO PATAXÓ HÃ HÃ HÃE

Kanã pataxi petôi

Bayxutxê naahã pokâyaré

Arnã petôi puhuy

Arnã petôi akuã

Arnã petôi sarã dxa'á txobharé (2x)

Kahabtxe siratã (3x)

Dxa'á uip apôy umip maiõ(2x)

Versão na língua pataxó :Matalawê.

Na minha aldeia tem,

Beleza sem plantar,

Eu tenho um arco, eu tenho flecha,

Eu tenho raiz para curar

Viva jesus (3x)

Que nos vem trazer a luz.

RESUMO

O trabalho apresenta como foi passar por uma pandemia em território indígena, sendo assim falo de casos de Covid-19 em minha comunidade, em minha família, relato minha experiência nesse período e os medicamentos tradicionais que usamos para o tratamento da saúde do povo de minha aldeia. Falo sobre a questão de distanciamento nos territórios indígenas em tempos pandêmico, os cuidados na pandemia, como os indígenas lidam com medidas de distanciamento físico, relato também sobre a chegada da vacina da Covid-19 na comunidade Barra Velha. Vacinação de jovens e adultos.

Palavras-chave: povos indígenas, saúde indígena, Covid-19, vacinação, medicina tradicional, povo Pataxó.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO07
METODOLOGIA14
RESULTADOS17
1. A Covid-19 na minha comunidade17
2. O que os povos indígenas estão fazendo diante da pandemia?19
3. Experiências com a Covid-1920
4. Cuidados na Pandemia de Covid-1925
CONSIDERAÇÕES FINAIS37
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS38

INTRODUÇÃO

Meu nome é Dária Cristiano Braz, tenho 26 anos de idade, sou indígena do povo Pataxó da Aldeia Velha, Terra Indígena Barra Velha¹, município de Porto Seguro -BA. Sou filha de Cristiano Braz e Nabor da Conceição Braz. Tenho três irmãos sendo um homem e duas mulheres: Uilding Cristiano Braz, Maria D'ajuda e Indaiá Cristiano Braz. Meu irmão já é formado no curso Formação Intercultural para Educadores Indígenas (FIEI) da habilitação em Línguas, Artes e Literatura (LAL) no ano 2016, pela Faculdade de Educação na Universidade Federal de Minas Gerais.

Sou casada, tenho dois filhos, Hãmitxê Braz Couto e Txuhynã Braz Couto. Trago na memória lembranças de quando era criança, onde brincava com minha irmã e minhas primas. Nós sempre brincávamos de casinha, de cozinhar, de boneca etc. Esses momentos para mim eram bem poucos, porque desde bem pequena tinha que ajudar minha mãe nas tarefas de casa. Minha mãe conta que desde os seis anos de idade eu já a ajudava a lavar pratos, copos e utensílios menores enquanto ela lavava roupa, eu já ia adiantado limpando pratos. Me lembro de quando minha mãe teve minha última irmã, eu estava com seis a sete anos, e para minha mãe cuidar de casa, das atividades domésticas, eu tinha que tomar conta de minha irmã.

Quando minha irmã estava com oito a nove meses de vida, minha mãe fez uma cirurgia para não ter mais filhos. Para cuidar de minha mãe e de casa tinha minha avó, que ia todos os dias cuidar de tudo na casa de minha mãe até que ela se recuperasse da cirurgia. Como eu já ajudava minha mãe eu ainda ficava corrigindo o que as pessoas faziam e que não estava feito do jeito de que a mãe fazia.

Quando minha mãe já estava bem melhor, meu pai foi para Minas Gerais, nas aldeias onde familiares vivem, vender artesanatos de sementes e de madeira, para nossos parentes que revendiam nos colégios. Depois de alguns dias que meu pai viajou, o gás de cozinha de nossa casa acabou e, minha mãe para não ver os filhos dela com fome resolveu ir pegar lenha e então nós a acompanhamos, mas foi nesse pegar lenha, que os pontos da cirurgia de minha mãe se romperam, depois disso pra cá a saúde de minha mãe nunca mais foi a mesma. Os pontos da cirurgia foram sarados com banhos e sumos de ervas medicinais, pois mãe não quis deixar eu e meus irmãos em casa sem nosso pai para ir ao hospital do município. Para não deixar minha avó cuidando de tudo só, minha mãe me

¹ A Terra Indígena Barra Velha foi homologada em 26 de dezembro de 1991 por Decreto 396 - 26/12/1991.

mandava ajudar no que eu já sabia fazer. Em questão de estudos, sempre fui uma boa aluna, só conversava demais nas aulas. Me lembro que até o nono ano do fundamental II nunca repeti de série, porque meu pai era muito presente para me ensinar, e além de meu pai já tinha meu irmão que me ajudava nas atividades escolares.

Quando eu estudava na segunda série eu já sabia ler um pouco, me lembro que estudei três anos seguidos com o mesmo professor, Genival, na segunda, terceira e quarta série, onde ele era um pouco mais exigente, para que nós aprendêssemos. Antes de entrar na sala tínhamos que cantar o hino nacional ou o hino da aldeia “Brasil que vive alegre²” e para sair, tínhamos que responder a tabuada, acredito eu que foi com ele que passei a gostar da matemática.

Quando cheguei ao fundamental II, tudo parecia novo, mas aos poucos fui aprendendo e seguindo meus estudos. Minhas matérias preferidas sempre foram matemáticas e ciências, nunca me identifiquei com a Língua Portuguesa, sempre passei quase arrastada com notas baixas em português. Na nossa escola temos que alcançar vinte e quatro pontos, em quatro unidades que são divididas em um ano letivo, e eu em português sempre tinha notas na média exigida, já em matemática era melhor, cheguei até ir para segunda fase da prova da Olimpíadas Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP). Mas dali para a frente, não consegui mais nada na OBMPE, pois me faltou um pouquinho mais de conhecimentos da área.

Minha experiência como estudante até o nono ano foi muito boa, e dali para a frente tudo mudou em minha vida. No final do nono ano, quando ia passar para o ensino médio, já no final de ano descobri que estava grávida, mas ainda não tive coragem de contar para meus pais. Me formei no fundamental II com 14 anos de idade, no mesmo mês fiz 15 anos.

No ano seguinte, no mês de fevereiro, me casei. Mesmo assim continuei a estudar, mas quando tive meu filho tive que parar, e do mês de agosto em diante do ano 2011 parei meus estudos para cuidar de meu filho.

No ano seguinte me matriculei novamente, e continuei meus estudos. Minha mãe não queria que eu continuasse porque eu tinha arrumado um filho, e então eu tinha que tomar conta dele e não ir estudar. Nesse mesmo ano meu esposo foi para casa da mãe dele para trabalhar, e para eu poder estudar, meu pai que cuidava de meu filho. No ensino

² O Hino Pataxó: “Brasil que vive alegre muito valoroso Brasil que vive alegre para enfrentar As nossas armas já estão seguras E no momento manda me chamar Barra Velha para ser feliz Porque somos donos dessas terras Ó pátria amada quando canta o seu hino Os Pataxó compreendem seu destino”.

médio eu tinha que estudar duas vezes ao dia, no primeiro ano estudava de manhã e à noite. De manhã das 7:00 horas às 11:30, e a noite das 18:00 às 21:45, e nesse período meu pai cuidava de meu filho. Nos horários de manhã, na hora do intervalo meu pai sempre levava meu filho para eu amamentá-lo. No entanto, meu filho mamava e muitas das vezes dormia e meu pai voltava para casa com ele dormindo em seus braços. E no período noturno meu pai e minha mãe tomavam conta dele novamente, e assim consegui terminar o primeiro ano.

No segundo ano meu esposo voltou para casa e cuidava de nosso filho, e eu continuei a estudar. Em 2014 terminei o ensino médio com muita luta, mas consegui. Depois que se tem uma família, os estudos ficam totalmente mais difíceis, porque temos atividades de todos os lados: atividade doméstica, atividade escolar e filho e assim por diante.

Em 2015 quando já tinha me formado no ensino médio, meu irmão me procurou para eu ficar lecionando no lugar dele durante um ano, para ele focar no percurso acadêmico dele que exigia um tempo livre, e ele lecionando iria atrapalhar o seu trabalho de pesquisa, foi então que, durante um ano eu fui dar aula de Patxohã (a língua materna Pataxó), na escola da minha aldeia para crianças do pré até o segundo ano do fundamental 1.

Em 2016 meu irmão voltou para seu trabalho e eu consegui um trabalho na escola também. Em 2016 houve uma seletiva no município, para selecionar pessoas para ocupar vagas de trabalho nas escolas, foi então que meu pai, meu esposo e meu irmão ficaram me incentivando para eu me inscrever, eu mesmo não fiz minha inscrição, mas meu esposo me inscreveu para auxiliar de alimentação escolar. Quando fomos levar a documentação exigida, e fazer a entrevista, me perguntaram se eu tinha alguma experiência, eu respondi que naquele tipo de trabalho eu ainda não tinha experiência, mas que já tinha trabalhado um ano, como professora substituta, me pediram um contracheque e eu não tinha. Foi então que meu irmão estava na sala comigo junto a outros que estavam sendo entrevistados. Meu irmão que falou por mim naquele momento, pois eu havia trabalhado para ele durante um ano, e então o povo aceitou o que ele falou na entrevista como uma referência do meu trabalho. Quando saiu o resultado da seletiva, lá no penúltimo lugar estava meu nome com 0,5 pontos, e classificada para ocupar aquela vaga de trabalho. Trabalhei como auxiliar de alimentação escolar durante 4 anos e em 2020 com a chegada da pandemia, fui descontratada.

Em 2015, 2016, 2017, me inscrevi no processo seletivo do FIEI, mas não tive sucesso. No ano de 2017, quando fiz o processo seletivo, eu falei que iria me inscrever porque era de matemática, quando saiu a lista dos que eram para fazer a prova meu nome estava lá, e em pouco tempo depois descobri que estava grávida de novo. No dia da prova pensei em não ir, porque estava grávida, mas como meu esposo também tinha se inscrito eu assim mesmo resolvi ir fazer a prova. De Barra Velha a Porto Seguro, para fazer a prova, tinha que sair da aldeia 7 horas da manhã, para chegar a tempo, antes dos portões fecharem.

No dia da prova fui bem tranquila, mas quando entrei na sala me deu um nervoso, e eu pensei “agora que não consigo mesmo”. Mas quando peguei a prova, olhei e falei “seja o que Deus quiser”. Fiz logo a redação e depois as outras atividades. No retorno para casa, depois das seis horas da noite, quando entrei no ônibus, só via gente comentando que daquela vez eles iriam conseguir, e comentavam das atividades e eu me sentei bem do lado do meu marido e falei: “se o que eles estão falando tá certo eu errei foi muito”. E vim embora pensando, e exausta daquela viagem e ainda grávida, eu mesma nem fiquei esperando o resultado daquela seletiva porque parecia que meu nome não ia estar lá mesmo.

Um certo dia fui fazer a primeira ultrassonografia para ver meu filho, onde saí bem cedo de casa no ônibus que transporta nós indígenas para a cidade. Nesse dia, fiz a ultrassom, descobri que teria meu segundo menino, e então decidi vim para casa antes do horário do ônibus. No retorno, vim de carro com outros indígenas e cheguei em casa mais cedo. Quando dei a notícia para meu esposo e minha cunhada, veio meu pai saber qual era o sexo de meu filho, mas ele não veio só para aquilo, depois que soube que teria outro neto, olhou para mim e falou vou cuidar dele igual cuidei do outro e falou que eu tinha passado para estudar na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Eu ainda sem acreditar nele, depois me mostrou a lista dos classificados e meu nome estava realmente na lista no número 17. Acredite, meu pai estava mais feliz que eu naquele momento, pois ele sabia o quanto tive que me esforçar para chegar ali.

Depois daquela notícia fui pensar sobre tudo que teria de enfrentar para voltar estudar novamente. E com essa notícia continuei meu trabalho normalmente até o mês de julho no recesso de férias escolar, nesse período de recesso tive meu filho, dia 21 de julho de 2018, e no mês seguinte meus colegas foram a primeira vez estudar em Belo Horizonte. Eu comecei o curso de licença maternidade, mas com a ajuda de meu colega Dalton, que fez todo processo para que minha vaga ficasse garantida na turma. No restante do ano

letivo em relação ao meu trabalho fiquei de licença. E no primeiro intermódulo realizado em Barra Velha, eu já comecei a estudar com os estudantes da minha região e da minha turma.

No ano seguinte, 2019, já sabia que teria de ir estudar longe de casa. Em abril fui estudar na Faculdade de Educação na UFMG, em Belo Horizonte. Tudo muito novo para mim, e ainda com um filho com 9 meses, não sabia se estudava ou cuidava do filho, mas consegui ficar o módulo todo em Belo Horizonte, meu filho doente, a saudade de casa e dos que ficaram, mas posso falar que venci mais um objetivo em minha vida. No mês de agosto tive de voltar a Belo Horizonte, para estudar, dessa vez sem o meu filho, pois tudo se complica nos estudos e meu filho já estava com um ano de idade, então tive que deixá-lo com o pai e o irmão. Naquele mês de agosto /setembro de estudo longe de casa e dos filhos tudo parecia difícil. Naquele módulo só segui em frente porque sabia que minha sogra tinha ido para minha casa cuidar de meus filhos, algo que me deu uma tranquilidade maior, pois sabia que meus filhos estavam bem cuidados e com isso meus pais também sempre dando apoio cuidando de meus pequenos, só minha mãe que queria que eu voltasse para casa que meu filho estava desnutrido, pois tinha saído do peito/parou de mamar/ antes de eu ir estudar. Minha mãe chegou até me pôr em uma situação meio delicada não sei se a palavra certa, para eu escolher os estudos ou meu filho. Como eu sempre conversava com meu marido, ele me falou que meu filho estava bem, e que eu continuasse meus estudos, foi então que terminei mais um módulo.

Quando chegou a pandemia da Covid-19, minha mãe me falou novamente, se fosse para eu ir estudar em Belo Horizonte neste período de pandemia que eu não iria de jeito nenhum, foi quando recebemos informação que nossas aulas seriam no ensino remoto, aí ela ficou tranquila e eu seguir meus estudos. Nesse período pandêmico nada ficou fácil, perdi meu emprego, meu marido desempregado também e com dois meninos para criar, digamos assim, porém com meus estudos, e recebendo as bolsas permanência que tanto estão nos ajudando a manter o sustento de minha família. Resolvi estudar sobre as transformações na saúde indígena de Barra Velha, mas como o tema era muito amplo foi desmembrado, e agora busco trabalhar em questões sobre a Covid-19 a partir de casos que tive em minha família e pessoas de minha comunidade. De princípio eu queria falar mais sobre as transformações que a saúde indígena vem passando ao decorrer do tempo, foi quando entramos nessa pandemia que já morreram muitos. Algo que foi meu ponto de partida para pesquisar em relação a saúde foi a minha mãe, que é hipertensa, e tem outros problemas de saúde o que podia deixar a situação mais grave no contexto da Covid-

19. Essa foi minha principal motivação e outra motivação para levar o conhecimento de meu povo em frente.

O dossiê “Pandemia da Covid-19 na vida dos Povos Indígenas”, organizado pela Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB) em parceria com a revista Terena, se insere entre os atos de resistência política acionada pelos povos indígenas neste contexto de pandemia. Mais do que uma atitude acadêmica, é uma postura política encabeçada por pesquisadores e pesquisadoras que, se valendo do instrumento de demarcar espaço no mundo acadêmico com a escrita, onde se busca imprimir práticas políticas estritamente aliadas ao movimento indígena. (BANIWA, 2021). O texto de apresentação de Braulina Baniwa, relata muitas experiências vividas nesse momento de pandemia por nós povos indígenas de todos os locais que existimos.

Esse texto me fez perceber o quanto é difícil para nós indígenas enfrentar uma pandemia sem apoio nenhum do governo e de órgãos que dizem nos representar. Para nós já é uma vitória quando conseguimos pessoas para nos ajudar a enfrentar esse momento pandêmico. O meu trabalho tem como objetivo geral compreender as transformações da Saúde Indígena da Aldeia Barra Velha no contexto da Pandemia de Covid-19. De modo específico pretendemos: descrever a questão da saúde indígena no contexto da Covid-19; mostrar a diferença e transformações do atendimento do passado e o de hoje a partir da vivência da pandemia de Covid-19; observar os impactos e as melhorias que a saúde indígena enfrenta ao longo do tempo a partir da vivência de Covid-19.

Escolhi o tema porque gostaria de problematizar como as transformações da saúde indígena estão sendo frequentes para os Pataxó na Terra Indígena Barra Velha. Assim relatar e descrever como que atualmente a saúde indígena vem se modificando e para que meu povo possa entender o que vem acontecendo com a saúde do povo de Barra Velha. Assim buscamos respostas sobre as transformações na saúde indígena.

METODOLOGIA

Esse trabalho foi realizado em tempos de pandemia de Covid-19. Com todas as dificuldades encontradas, esse trabalho foi realizado a partir de leitura de trabalhos de percursos acadêmicos já concluídos no FIEI, com entrevistas via WhatsApp com Dona Eliandra Braz dos Santos e Ilma Oliveira ,também em conversas do dia a dia com familiares e leituras de outros textos.

Busco por meio de entrevistas semiestruturadas com minha mãe e de pessoas da minha comunidade saber sobre os cuidados com a Covid-19 envolvendo os conhecimentos tradicionais (Roteiro de entrevistas – Anexo 1). Também pude verificar mais sobre os saberes tradicionais da saúde em trabalhos de percurso que já foram concluídos por membros da minha comunidade. Conto ainda, com a condição de ser Pataxó e ter a experiência de nascer e ser criada na aldeia apreendendo com meu povo dos conhecimentos de nossos antepassados.

Neste trabalho pretendia também fazer entrevista com meu avô. Lendo o texto de Descola, muito interessante, me fez pensar um pouco sobre meu povo, e a região em que vivemos. Porque aqueles povos que ele relata no seu texto que consideravam os não humanos como eles mesmo. Me fez refletir o porquê meu povo hoje vive desse jeito, posso dizer que incluídos numa sociedade que poucos se importam como nossa própria espécie, imagina com os seres não humanos! Como Ailton Krenak elabora, a pandemia de Covid-19 está “discriminando a humanidade”. E conclui que “O melão-de-são-Caetano continua a crescer aqui do lado de casa. A natureza segue. O vírus não mata pássaros, ursos, nenhum outro ser, apenas humanos” (KRENAK, 2020, p. 44).

Pude ver o quão importante é um sonho para o povo Achuar, e suas formas de interpretar. Então me lembrei de um sonho que tive. Eu estava tão empolgada para fazer uma entrevista com meu avô, que seria para meu trabalho de conclusão de curso, que na noite tive um sonho. Nesse sonho, eu faria minha entrevista completa com meu avô, tirava fotos, mas depois de algum tempo ele viria a óbito, e eu só ficava olhando aquelas fotos e lembrando daquele dia de minha entrevista com ele e chorava bastante. Depois desse sonho na manhã seguinte eu desisti de minha entrevista com meu avô, fiquei com medo de segui com minha entrevista. Logo depois, mais ou menos uma semana meu avô adoeceu. Então para nós indígenas os sonhos vêm como aviso, e para aquele povo, eles também tinham suas formas próprias de interpretar seus sonhos e pude perceber que as

plantas, os animais que tinham próximos aos Achuar não acabavam porque os indígenas os tinham como membros de seu povo de sua própria família.

Cenário de pesquisa

Aldeia Barra Velha

A aldeia Barra Velha é onde eu moro, minha comunidade está localizada no município de Porto Seguro -BA, no extremo Sul, entre os rios Caraíva e Corumbau. A Terra Indígena de Barra Velha homologada é 8627 hectares, dentro dessa terra, hoje existem sete aldeias: Barra Velha, Cassiana, Boca da Mata, Meio da Mata, Pará, Campo do Boi, Xandó, onde todas essas aldeias o povo que nela habita é o povo Pataxó. De acordo com dados da Secretaria Especial de Saúde Indígena (Sesai) de 2010 vivem 2992 Pataxó na TI Barra Velha.

No momento atual na aldeia temos um posto de saúde, que os atendimentos são semanais. Nossa aldeia eu considero uma aldeia grande, por ser a aldeia reconhecida como aldeia “mãe” de todas outras. Acredito que por ser a aldeia maior da região merecia uma visibilidade maior em relação a saúde dos povos indígenas que aqui habitam.

Desde que surgiu essa pandemia ou talvez até antes, o nosso posto de saúde se encontra sem alguns funcionários, principalmente da área da limpeza do posto, uma pessoa própria para zelar do local onde está sempre cheio de pacientes para atendimento.

Para manter o atendimento e funcionamento do local, teve um período que um membro do grupo de limpeza pública que estava fazendo a limpeza do posto, mas como não era a área dele, depois de um tempo essa pessoa saiu do posto para ir trabalhar em sua função na comunidade. E depois disso, quem teve que fazer essa função, foram os próprios membros da equipe de saúde, os agentes indígenas de saúde (AIS), Agentes Indígenas de Saneamento (Aisan), enfermeiras, técnicos de enfermagem etc. Além de fazer o atendimento, ainda ter que fazer a limpeza do ambiente de trabalho. Eu como indígena não acho essa tarefa fácil, nossa equipe saúde realmente foi e está sendo GUERREIROS e GUERREIRAS nessa luta pela saúde e vida de nossos parentes indígenas. Nossos “médicos” fazem de tudo possível para manter o atendimento dentro de nossa comunidade.

No momento, na aldeia Barra Velha, a Sesai é responsável por manter e mandar os medicamentos para a nossa população, pelo transporte, para locomover os pacientes e a equipe nas suas necessidades. Nos dias de hoje, nossos AIS, AISAN são contratados pelo Instituto de Medicina Integral Professor Fernando Figueira (IMIP), segundo a técnica Ilma Oliveira.

RESULTADOS

1. A Covid-19 na minha comunidade

Falando em relação a minha comunidade, o que posso falar é que recebemos bem pouca ajuda do governo e dos órgãos que dizem nos representar no período dessa pandemia que o mundo todo está enfrentando. O que recebemos foram algumas cestas básicas, sendo que nas mesmas vinham alimentos, mas como pedem também para mantermos a higiene, em momento algum foram distribuídos esses produtos. Foram poucas as vezes que recebemos essas cestas. Certamente se fosse para nós ficarmos esperando só vim alimentos do governo, com certeza muitos indígenas já teriam morrido de fome por falta de alimentos. É isso que esse governo quer que aconteça com nós indígenas.

O coronavírus, Covid-19, aqui em Barra Velha, teve um certo período que estavam muitas pessoas infectadas, isso no ano passado 2020, agora em 2021 estamos vivendo quase que normal, pois aqui na aldeia graças a Nianissum (Deus) tomamos remédios tradicionais para nos prevenir de acontecer algo mais grave.

Nesse mesmo ano de 2021 no mês de outubro veio novamente outro surto de Covid-19 na comunidade Barra Velha, pois como escrito acima já estávamos vivendo quase normal o nosso dia a dia.

Quando tive a Covid-19, em agosto de 2020, estavam em 22 casos aqui na aldeia. Até o fim do mesmo ano, foram registrados mais de 100 casos, mas graças a Deus todos recuperados. Isso não diz que os casos de Covid-19 acabaram, isso quer dizer que muitos perderam o medo desse mal que tanto vem tirando vidas de inocentes. Acredito que devido a equipe de saúde não postar mais os dados semanais nos boletins epidemiológicos, a população da aldeia relaxou nas medidas de higiene e de distanciamento social, só os que realmente entendem o risco ficam em seu canto.

Em questão da saúde indígena, para mim está bom, porque temos o apoio da equipe médica e enfermeiros da minha aldeia. Falando um pouco em questão da saúde, o que posso dizer daqui de onde moro é que a equipe responsável pelo atendimento de meu povo, faz tudo que está ao alcance para estar ajudando quem mais precisa nesses momentos de saúde frágil.

No final de 2021 perdemos nossa enfermeira chefe da equipe de saúde da aldeia e o médico que atendia semanalmente na comunidade, não para a Covid-19, mas sim porque tiraram de nossa aldeia ótimos profissionais. Com a saída da enfermeira e do médico só ficaram os técnicos, agentes indígenas e algumas enfermeiras não indígenas e os trabalhos vieram em dobro para a equipe que ficou trabalhando.

Como sou nascida e criada em Barra Velha, posso dizer sem dúvidas que essa equipe foi e está sendo guerreira no atendimento do povo Pataxó, pois sempre que precisamos nossos guerreiros estão disponíveis para nos ajudar no que é possível.

A música “As forças da Natureza” fala só o que está faltando acontecer. O mar toma conta da terra, o vento faz sumir todo barulho louco que temos hoje em nossa sociedade, na verdade, já vem acontecendo. Isso que vem acontecendo no nosso mundo, onde só quem é louco para não perceber a fúria que a mãe natureza estar por estamos cada vez mais a maltratando. Como diz minha avó, “o mundo sem nós não é nada” nós indígenas. Se na Amazônia não existissem indígenas, o que já teria acontecido? O que vem acontecendo na Amazônia, nas áreas que não têm indígenas habitando estão sendo derrubadas, e o nosso governo parece não estar vendo.

O nosso Brasil considerado os pulmões do mundo, hoje está tipo um paciente que precisa de doação de órgão, que não desiste, mas mesmo em meio ao sofrimento continua lutando pela vida. Falo isso baseado nas nossas florestas, nos nossos mares por ser as principais fontes de oxigênio para nós seres vivos. O que Ailton Krenak delineia sobre este contexto de pandemia é que “o que estamos vivendo pode ser a obra de uma mãe amorosa que decidiu fazer o filho calar a boca pelo menos por um instante. Não porque não goste dele, mas por querer lhe ensinar alguma coisa. “Filho, silêncio.” A Terra está falando isso para a humanidade. E ela é tão maravilhosa que não dá uma ordem. Ela simplesmente está pedindo: “Silêncio”. Esse é também o significado do recolhimento. (KRENAK, 2020, p.44)

Hoje eu falo, que se no mundo não existissem indígenas, o nosso mundo já teria sumido nas águas do mar, ou até mesmo nas cinzas deixadas pelas florestas queimadas. Como diz na canção de Kanatyó Pataxó, cantor Pataxó: “Que Brasil é esse, tão diferente de antigamente, o rio já não deságua no mar, na terra já não pode se plantar a natureza chora como uma criança sem poder se alimentar”. E é isso que vem acontecendo com nossa mãe terra, chora, sofre pelas mãos dos que da mesma deveria cuidar.

2. O que os povos indígenas estão fazendo diante da pandemia?

O fechamento dos territórios, quando possível, leva a três observações relativas à decisão, às autoridades que as tomam e seu impacto no contexto de uma colonização ativada ou que avança insidiosamente. Com a pandemia foram tomadas decisões de fechar as entradas principais da aldeia. A entrada principal foi fechada com um portão de madeira, onde só poderia abrir em casos de emergências, essa decisão foi tomada em uma reunião comunitária, que seria aberto o portão dois dias da semana, na terça e quinta feiras, das seis horas da manhã até às sete da noite. As pessoas que continuavam a sair de acordo com suas necessidades e obrigações.

Quando chegou o verão parecia que o vírus tinha sumido da região. O portão continuou lá, só que o turismo é muito forte aqui na região, e todos a muito tempo de isolamento, então foi decidido liberar a entrada da aldeia devido o turismo, pois a entrada da aldeia dá acesso a locais bem procurados por turistas no fim de ano.

2.1 Atividades que retomamos na pandemia de Covid-19

Atividades que estavam sendo quase que esquecidas por meu povo, algumas dessas foram retomadas, um exemplo é a construção de um *kijeme* (casa) feito de taipa. Como nos ensina Ailton Krenak, “esse confinamento involuntário nos deu resiliência, nos fez mais resistentes” (KRENAK, 2020, p.42). Trata-se que nosso isolamento nas aldeias é muito diferente de isolamentos nas cidades grandes.

A forma de aprendizado que temos nessas atividades que foram possíveis no período da pandemia, é onde as crianças e jovens aprendem observando, como eram feitas as casas a alguns tempos atrás. A construção dessa casa, foi principalmente para manter distante da aldeia, por conta da contaminação pela Covid-19. Assim o dono da casa e sua família indo morar mais fora da aldeia, voltam também outros aprendizados para todos, ex: conto de histórias, a dona da casa volta a cozinhar em fogão a lenha, e o contato com a natureza, e assim esquecendo um pouco da tecnologia e valorizando mais os nossos conhecimentos ancestrais.

Foto 1: Kijeme, Aldeia Barra Velha ,2021.



Fonte: fotografia de Uelso, acervo da autora, 2022.

3. Experiências com a Covid-19

3.1 Eu e a Pandemia de Covid-19

Quando comecei meus estudos na UFMG, foi um desafio e tanto, mas para ver até que ponto eu suportaria, veio a pandemia para ver até que ponto a vida de uma pessoa pode mudar. Minha vida mudou, posso dizer que completamente. Antes da pandemia, trabalhava na escola, parei de trabalhar por conta de a escola ter paralisado as atividades letivas naquele ano de 2020. Nesse tempo parou meu trabalho na escola, porém parece que redobraram outras atividades em minha vida.

No começo de 2020 quando parou as aulas aqui na aldeia, pensei que também iriam parar as atividades acadêmicas, mas como diz minha colega Estefânia, as atividades redobraram para mim. Nesses dois anos de pandemia, minha vida se resumiu em cuidar de casa, dos filhos, estudar, dar aula, ser médica etc. Como qualquer um sabe, trabalho doméstico cansa, cuidar de filhos dá muito trabalho, estudar em tempos de pandemia então não é nada fácil nem de explicar. Nesses tempos também fui reaprender ou relembrar assuntos da minha infância, pois tinha que repassar esses conhecimentos para meu filho, que hoje tem dez anos de idade. Ser médica, porque cuidar de meus filhos

quando tivemos a Covid-19, quando tinham qualquer outra doença que poderia ser cuidado em casa, para não está sempre no posto de saúde, que é sempre lotado. Mas com tudo isso vamos adquirindo novos conhecimentos dia após dia, apesar dos dias difíceis vividos.

3.2. Atividades acadêmicas e pandemia.

A vida de estudante em tempos de pandemia não é nada fácil, isso falo por experiências próprias. Quando começamos a estudar pelo ensino remoto, pensei que seria tranquilo para mim, mas logo em seguida observei que não seria fácil. Quando me deparei com o primeiro cronograma de atividades, falei: nossa vou ter que estudar bastante nesse módulo (semestre), porque tinham meses para estudar e não um mês, foi então que começaram minhas preocupações.

No início quando começamos as aulas, que no final de cada aula ficava uma atividade, eu consigo mesma essa eu não vou conseguir, foram muitas as vezes que pensei em desistir, por esse e outros motivos.

Quantas vezes estava em aula e chegava meu filho e falava: mamãe quero mamar cadera(mamadeira) e eu falava espera mais um pouquinho, quantas vezes fui fazer comida porque o horário da aula passava da hora da comida de meus filhos, foram muitas as vezes que precisei de alguém para me apoiar nos estudos e poucos me davam uma força para seguir em frente.

Muitas das vezes mulheres casadas desistem de estudar, por se sobrecarregar de atividades do dia a dia, de atividades escolar e pensamos que não iremos conseguir, só que, com um pouco de perseverança e tendo apoio nem que seja pouco, nós conseguimos sim chegar ao nosso objetivo.

Sem falar das faltas constante de energia elétrica e internet ou a internet ruim, que complicava bastante o nosso ensino remoto, nesse ensino remoto tive mais desafios a serem enfrentados, foram muitas as vezes que tive de perturbar os queridos bolsistas, que sempre me ajudavam senão fosse por eles me ajudarem talvez eu teria desistido dos meus estudos assim que começou esse ensino remoto. A cada dia estamos aprendendo mais, mesmo que esta pandemia nos afetou, mas saímos pessoas melhores assim acredito.

3.3 - Conversa com a com minha mãe sobre a experiência de ter Covid-19

Minha mãe é Lindalva Cristiano Braz, tem 45 anos de idade, mora na aldeia Barra Velha, é casada tem 4 filhos e 6 netos. Vou falar um pouco sobre minha mãe e a Covid-19. Nesse período pandêmico, minha mãe já teve /pegou Covid-19 duas vezes. Na primeira vez foi em setembro de 2020 quando eu também estava de quarentena.

Na minha família, fui a primeira a contrair o vírus da Covid-19. Quando percebi que estava com sintomas resolvi me afastar para não transmitir o vírus para meus familiares, mas parece que já era tarde. Minha mãe e minha irmã caçula também foram testadas positivo para Covid-19, mas só fomos contaminados por mantermos um convívio familiar, onde todos os dias vamos para casa de nossos pais, menos meu irmão, que nesse tempo quando o vírus estava circulando bastante ele não quis sair de casa para não se infectar.

Acredito que minha mãe foi infectada quando vinha trazer as ervas medicinais para mim em minha casa, e meu filho Txuhynã fugia e ia brincar com o filho de minha irmã, que vinha para casa de mãe.

Depois que saí de quarentena quando fui visitar meus pais, depois de uns dois dias minha mãe me falou assim: Dária, minha língua parece que está com um couro grosso por cima. Perguntei a ela se tinha queimado a língua, falou que não. Então falei para ela fazer um teste de Covid-19, não queria fazer, mas a convenci de fazer, porque eu tive então ela poderia ter sido contaminada.

Então comuniquei a equipe médica que veio até a casa de mãe, e foi feito o teste e o resultado deu positivo, só que não estava mais reagente. Depois perguntei se ela tinha sentido algum outro sintoma, disse que só o corpo que sentiu muitas dores, mas pensava que era dos outros problemas que ela tem na saúde.

Depois de um ano, em outubro de 2021, minha mãe teve Covid-19 novamente, dessa vez foi meu pai que foi contaminado, e depois minha mãe. Meu pai estava cuidando de meu avô Albino, pai de meu pai, que estava adoentado, onde meu pai pensava que era uma febre comum, porém era Covid-19. E nós não sabíamos. Depois de uma semana meu pai cuidando de vô, ele deu febre e dores no corpo, foi notificado e fez o teste de Covid-19, quando veio o resultado positivo para Covid-19. Só que quando meu pai deu febre, ele pediu para não ir mais ninguém na casa dele, momentos difíceis, mas que tinha que se respeitar, por se tratar de uma doença que contamina com muita facilidade. Os sintomas que apareceram no meu pai, tosse seca, febre alta, dores pelo corpo. Minha mãe dessa vez teve os sintomas mais fortes, muita dor de cabeça, dores nas costas tosse seca forte, febre, perda de olfato e paladar, e cansaço.

Minha mãe é hipertensa, tem problemas de diabetes, é depressiva, tem problema cardíacos de circulação por ter uma artéria entupida. Por minha mãe ter esse monte de problemas na saúde, eu fiquei com muito medo de acontecer algo mais grave com ela. Durante a quarentena, fora os dez comprimidos que ela toma regularmente, ela passou também a tomar chás xarope caseiro de ervas medicinais, para auxiliar no seu tratamento. Minha mãe fala que teve medo só por causa de seus netos, para ele não serem contaminados.

Foto 2: Minha mãe. Aldeia Barra Velha, 2022.



Fonte: fotografia de Nabor, acervo da autora, 2022.

3.4 - Conversa com Eliandra Braz, sobre a experiência de ter Covid-19

Minha entrevistada é dona Eliandra Braz dos Santos (Dona Bia) também conhecida por “Bia”, tem 47 anos, nasceu no dia 16 de janeiro de 1975, nasceu e mora na aldeia Barra Velha. Eliandra (Dona Bia) trabalha em agente de limpeza pública, mas também ajuda a comunidade no que pode. Quando as pessoas estão doentes, ela ajuda fazendo chás, banhos. Se tiver algum remédio para ajudar os parentes ela dá o medicamento para a pessoa que está precisando.

Quando alguma pessoa passa mal ela fica ali ajudando no que pode até chegar um agente de saúde, para poder ajudar aquela pessoa, tem vezes quando o agente de saúde

chega, dona Eliandra (Dona Bia) já medicou a pessoa, com o próprio medicamento do paciente. Também ajuda as parteiras, ainda não é parteira, mas quando tem uma mulher para ganhar neném, se chamam dona Bia ela estar ali disposta a ajudar, ajuda fazendo banhos, chá e mesmo no parto também, pois tem muitos partos com dificuldade. Então também presta esse apoio a mulher que está para ter seu bebê. Além de ser a pessoa que cuida da igreja católica de Barra Velha.

Foto 3: Dona Bia. Aldeia Barra Velha, 2022.



Legenda: fotografia de Carolaine, acervo da autora, 2022

Nesse tempo de pandemia foram muitas pessoas que tiveram a Covid-19 na nossa comunidade, umas delas foi dona Eliandra (Dona Bia). Ela teve vários sintomas, dor de cabeça, perdeu o paladar, ficou sem sentir o cheiro, teve muita dor pelo corpo, nas costas, nas pernas, braços. Dona Bia é hipertensa, e graças a Deus e nossos remédios tradicionais não teve agravamento no quadro de saúde, relacionado a Covid-19, só teve mesmo dor de cabeça, que é da doença mesmo. Como muitos de nós da comunidade usamos remédios tradicionais no tratamento de gripe e tosse, também usamos nossos remédios no tratamento da Covid-19, dona Eliandra (Dona Bia) disse que usou remédios caseiros: Folhas de boldo, foi chá de boldo, chá de peque de agulha misturado com outros remédios, a guiné, folhas de amora, de acerola, folha de laranja da terra, limão. E com todas essas folhas juntas, faz-se um chá, e acrescentando açúcar queimado se produz o xarope, que

também foi bastante usado na aldeia. Tomou bastante água de limão, e toma bastante líquido, “água de coco foi o que a gente tomou, e muito chá de boldo mesmo”.

“Essa experiência que eu vivi da Covid-19, pra mim foi muito difícil né. Porque foi uma doença que veio muito rápido né, pra nossa aldeia aqui, então as pessoas começaram a pegar essa doença essa Covid-19, aí mas eu ajudava bastante né os parentes aqui, fazia chá ,xarope eu tirava o sumo dos matos né pra ajudar as pessoa né ,porque essa doença ela é melhor ser curada cum remédio de mato né, que é as ervas medicinais ,do que remédio de farmácia ,e nem internação né, porque internação pra mim é o ponto da pessoa morrer né ,que muitos morre por causa disso, porque aqui em nossa aldeia mesmo num morreu ninguém aqui em nossa aldeia Barra Velha ne, que agente foi curado mesmo com a medicina mesmo, num foi remédio nenhum de farmácia não né, morreu alguns indígenas ,mas num foi daqui de nossa aldeia ,morreu duas indígenas, mas só que tava fora da aldeia né ,porque aí internou e entubou e aconteceu a morte. Então, mas graças a Deus dentro de nossa aldeia mesmo, foi todos curados cum remédio de mato né, a experiência nosso foi difícil, mas também num foi muito medrontado que a gente se cuidou bastante né, e um ajudando o outro aí com as benção de Deus e Nossa Senhora, nós foi tudo curado pela medicina né, na medicina das ervas medicinais.” (Eliandra Braz dos Santos, 2022)

4. Cuidados na Pandemia de Covid-19

Em Barra Velha a questão da saúde indígena está se estruturando, na comunidade temos um posto de saúde, que funciona consulta médica, odontológica, todas as semanas. Como a aldeia está crescendo, então precisamos de novos atendimentos, e no período que estamos vivendo também temos consultas com pediatra, mas são realizadas mensalmente. Também vem um cardiologista.

O atendimento médico realizado na aldeia ocorre semanalmente, onde a médica atende na aldeia e suas extensões (Pará, Xandó, Bugigão e Campo do Boi) três dia em Barra Velha e dois dias nas extensões. O atendimento odontológico funciona do mesmo modelo.

A equipe de saúde é formada por agente de saúde indígenas, enfermeiras, técnica em enfermagem, médica e por um dentista e sua auxiliar. A saúde indígena, na aldeia atualmente está sendo mais tratada por médicos de fora da aldeia, e por seus medicamentos industrializados quando tem. Na minha comunidade não temos uma casa

de saúde indígena onde podemos encontrar medicamentos tradicionais para tratar das doenças que não existem um medicamento industrializado.

Na aldeia ainda temos o pajé, mas já está com a idade avançada e com problemas de saúde, algo que o impossibilitou a continuar sua pajelança, mas na casa dele sempre tem seus chás de ervas medicinais, utilizados no tratamento de sua saúde. O pajé da aldeia é Albino Braz Salvador. O pajé é meu avô, meu avô já teve Acidente Vascular Cerebral (AVC) duas vezes, e uma parte do corpo perdeu um pouco do movimento impedindo de se locomover para lugares distantes, mas consegue caminhar dentro de casa, com a ajuda da esposa e de uma bengala.

Um dia em conversa com meus avós, pude perceber o quanto conhecimento tem guardado em suas memórias, são nesses momentos que aprendemos boa parte do conhecimento tradicional utilizado na nossa medicina. Eu gostaria de compartilhar esses ensinamentos que aprendemos com nossos anciões, mas devido um aviso dado em sonho, não colocarei esses ensinamentos em meu trabalho. Tinha como objetivo entrevistar o pajé, que é meu avô, mas devido um sonho que tive que encaramos como um aviso, não foi possível eu realizar essa parte do trabalho.

4.1 Vacinação da Covid-19

Quando a vacina da Covid-19, chegou até a aldeia, a equipe médica e lideranças avisaram a todos da comunidade pelos grupos de WhatsApp da aldeia, que a vacina estava disponível para todos os indígenas acima de dezoito anos de idade e que pudessem ser vacinados o mais rápido possível. A primeira vez que a vacina chegou até a aldeia foi no mês de fevereiro de 2021, e até no mês de junho a equipe ainda fala que tem muitos indígenas a serem vacinados. Em fevereiro foram vacinados 150 indígenas de Barra Velha, centro da aldeia, depois a enfermeira responsável por transportar a vacina ainda continuou a trazer sempre que surgiam mais pessoas querendo serem vacinadas, e até junho ainda veio a vacina para aqueles que não se vacinaram contra a Covid-19.

No ano de 2021, em novembro, na primeira semana do mês, tivemos aqui na aldeia Barra Velha a primeira etapa da vacinação de Covid-19 para adolescentes de 12 a 17 anos de idade. Como sabemos que de todos os imunizantes utilizados para a vacinação de jovem é o da Pfizer, aqui na aldeia não foi diferente. Essa vacinação para os adolescentes

veio para todos a partir de 12 anos até 17 anos de idade, com duas doses para cada, sendo o retorno no prazo de 60 dias a partir da data de vacinação.

Na escola Indígena de Barra Velha também estudam alunos das comunidades vizinhas, extensão da aldeia, a vacina também estava disponível para esses alunos. A Sesai liberou a vacinação para os alunos indígenas e como na escola também estudam não indígenas a vacinação veio também, mas o responsável por essas doses foi o município. No período desses três dias de vacinação, foram vacinados 153 alunos apenas.

4.2. Como os indígenas lidam com medidas de distanciamento físico? Aglomeração na pandemia Barra Velha

Os indígenas explicam que seu modo de vida é contrário às medidas necessárias para limitar a contaminação, seja porque compartilham espaços por vezes pequenos entre os membros da família, seja por falta de água, sabão e materiais de proteção que eles inventam o melhor que podem.

"Temos bastante medo de quem vem de fora, mas entre nós não temos medo" diz Sylvio Van der Pijl, o presidente do grande conselho costumeiro e chefe da aldeia Balaté. (Braulina Baniwa, 2021:número da página). Essa frase define bem nós povos indígenas, porque temos medo de pessoas que vem de fora, pois não as conhecemos e não sabemos onde elas andam, estão, e aqui entre nós parentes é diferente parece que temos uma confiança maior, porque conhecemos o dia a dia uns dos outros.

"O sofrimento dos indivíduos está relacionado ao sofrimento da mãe Terra, a cura está na mudança das práticas agroindustriais predatórias" (Revista VUKÁPANAVO, p.345)

Em Barra Velha como em qualquer outro lugar tivemos sim momentos de aglomeração. Esses momentos eram em aniversários, em igrejas, em festas comemorativas da aldeia.

Nós indígenas temos medo do que não estar em nosso dia a dia, na nossa cultura de nossa comunidade. Como sabemos, a pandemia que iniciou em 2019, a minha comunidade teve sim medo, mas também temos que manter nossas tradições. Quando as lideranças perceberam que a Covid-19 estava próximo a nossa região foi decidido que em 2020 não haveria a comemoração da festa do dia 19 de abril, por termos muita gente reunida em um pequeno espaço. Em 2020 por ser um ano eleitoral, tivemos aglomeração

por esses motivos também, para acompanhar os candidatos da região e ver suas supostas propostas para nossa aldeia,” historinhas”.

Como é de costume da minha comunidade todos os fins de ano temos comemoração religiosa em nossa aldeia, pois temos como padroeira Nossa Senhora da Conceição, esse festejo é realizado em 8 de dezembro todos os anos. Com a pandemia muitos pensavam que iria passar sem ter essa comemoração, mas tivemos sim esse festejo, foram poucos dias, porém aconteceram. Também tivemos nossas festas de fim de ano, o Natal e ano novo, pois para nós, tinha que celebrar a vida e um ano novo de quem sabe termos dias melhores.

Eu sou católica e em todos esses momentos eu estava, celebrei com meus familiares tudo que tinha para ser vivido, porque com esse vírus nós poderíamos estar só dentro de casa, mas ele chegaria até lá, então decidi viver com um pouco de cuidado e buscando a felicidade de minha família e amigos. Nós indígenas temos nossas culturas tradições e as seguimos com muito orgulho. Aqui a pandemia não foi só isolamento, aqui a pandemia também foi um momento em que nos fez ser mais fortes, melhores e mais família.

4.3 Covid-19 e os medicamentos tradicionais

Os remédios caseiros são muito importantes para nós indígenas. Com a pandemia essa atividade voltou com uma grande força e importância aqui em Barra Velha, por conta de o vírus ter chegado na aldeia. Como nós já temos um posto de saúde na aldeia, muitas das vezes acabamos deixando a medicina tradicional mais adormecida. No entanto, uma das formas que buscamos para manter a saúde de nossas famílias, foi com os remédios caseiros e banhos produzidos com ervas medicinais. Aqui na minha casa por exemplo, nós contraímos a Covid-19 e o que usamos de medicamentos foram os remédios caseiros (xarope de ervas medicinais e banhos também com as ervas) e alguns medicamentos industrializados.

Quando ficamos sabendo que o vírus estava chegando aqui na aldeia, muitas pessoas ficaram com medo, mas outros seguiram sua mesma rotina. Quando o primeiro caso surgiu o povo parece que não estava acreditando que era verdade, e assim seguindo sua mesma rotina, como outro dia qualquer.

Minha rotina era na minha casa, na casa de meus pais e no comércio para comprar alimentos, mas meu esposo não seguia a mesma rotina e saía bastante. Até hoje ainda não

sei explicar como contrái o vírus, se foi de minha irmã que trabalhava no posto de saúde (fazendo limpeza) e ela ficou gripada, se foi do meu esposo que foi fazer uma instalação de chuveiro na casa de familiares dele, que estava de isolamento ou se foi nos méritos próprios. Quando minha irmã estava gripada, eu e outros familiares estávamos na casa de meus pais, algo que faz parte de nossas rotinas.

Eu fiquei gripada, uns três dias, quando vi que estava espirrando comecei a usar máscara ao sair, mas com a gripe veio as dores no corpo e muito calafrio, depois de cinco dias percebi que não estava sentindo o cheiro dos alimentos. Foi então que falei para minha família que não iria mais na casa deles pois estava com sintomas da Covid-19, e falei que iria fazer um teste. Nesse momento todos ficaram com medo, me pediram para não fazer o teste, mas fui firme e disse que eu iria sim fazer o teste para não estar contaminando mais ninguém deles.

No período de uma semana que já estava com sintomas, mandei mensagem para a equipe médica da aldeia, que vinham até minha casa, mediram minha temperatura, pressão, batimentos cardíacos, porém não fizeram o teste aquele dia, porque teria que esperar doze dias para o resultado dar certo. Quando a equipe médica retornou a minha casa, eu e familiares já estávamos a quinze dias em isolamento domiciliar, foi quando fui diagnosticada com Covid-19 ainda reagente.

Com o convívio, meu esposo começou a sentir dores pelo corpo e meu filho de 9 anos começou a sentir dor de cabeça, isso uma semana depois que eu. Com toda essa situação nós passávamos o dia inteiro de máscara para que meu outro menino não contaminasse, algo que provavelmente também aconteceu.

Quando eu procurava meu menino, ele já tinha ido para casa de minha mãe, assim ela que também vinha em minha casa para trazer ervas medicinais para fazer remédios, banhos também contraiu a Covid-19 e minha outra irmã também, provavelmente mais alguns, mas foram apenas nós que fizemos os testes que constaram positivo.

Viver essa experiência não foi nada fácil, por mexer com o psicológico da pessoa, eu mesma, quantas vezes me peguei chorando, com medo de que viesse ocorrer algo grave com meus familiares. Mas durante todos esses períodos nós estávamos usando medicamentos tradicionais: banhos de ervas, chás, xarope de ervas medicinais, sucos de frutas natural (laranja e limão) e os industrializados: paracetamol, dipirona. “Liquidificador chamado humanidade”, diz Ailton Krenak. O Krenak chama a humanidade de liquidificador, porque sabemos que, tudo que se coloca dentro de um liquidificador tem que se misturar. Daí me veio na lembrança, nós indígenas que

estudamos fora da aldeia, quando fui a primeira vez em Belo Horizonte para estudar, me senti assim onde tinha que me misturar com pessoas que nunca tinha visto na vida, em ambientes totalmente diferentes, com climas loucos, mas eu tinha que me misturar por essa ser nossa forma de vida atualmente. De acordo com Eliandra (entrevistada) com a chegada do posto de saúde na aldeia:

“agora tem medicamentos, médico e enfermeiras né, então acham mais fácil pegar remédio pra da pra seus filhos né, e estão esquecendo de fazer os remédios da medicina dos povos né. De mato, das ervas né, que a gente usa pra fazer os remédios. Então, só usam remédios, as ervas só quando ver que os remédios de farmácia não tão dando jeito. E quando vão pegar os matos, que sabem que serve para aquela doença né, aí que vão fazer o remédio. Aí que lembram de fazer os remédios para tomar né. Mas depois que chegou o posto de saúde em nossa aldeia que nosso povo esqueceu das ervas né, pra fazer os remédios, então é assim que eles largaram de usar os remédios que ficaram mais fácil de usar o remédio de farmácia do que o de mato. E antigamente aqui não tinha médico não vinha pra nós né, agente socorria com os matos né, as ervas tradicionais que agente fazia os remédios né, mas agora as coisas tá mais fácil com a chegada do posto de saúde, médico né, e tão esquecendo dos remédios tradicionais. Porque, quando vão para o médico fazer consulta aí o médico já fala, tem que usar esse remédio aí, tem que tomar só remédio de farmácia e aí coloca na mente deles né, numa fala mais pra tomar um chá né, um banho, nem o sumo, que a gente mais usava também pra certos tipos de doença, então aí eles também já num incentiva os índios né, a fazer os remédios caseiros em casa né, então aí o problema é esse. Aí vão pro posto de saúde, chega lá querem que eles toma remédio da farmácia, num incentiva, mas tomar remédio caseiro, em casa né e tem alguns médicos ainda eles também ensinam né, mas tem outro que não, então isso aí vai acabando né, com a cultura, com os remédios né e aí desse jeito que acontece em nossa comunidade, tão esquecendo de fazer os remédios caseiros. Tem alguns medicamentos tradicionais né, das ervas eles tem mais efeito, tem mais efeito do que os que não são indígenas né, porque tem algumas doenças que as ervas curam mais rápido, do que os remédios de farmácia. Que tem medicamento não indígena que não sara a doença tão rápido como um remédio caseiro né que das ervas tem mais efeito.

Agora tem algumas doenças que necessitam do remédio de farmácia, mas se agente colocar mesmo na prática, mesmo pra no começo da doença agente tomar os remédios das ervas, a gente somo curado, porque tem remédio né, que certa doença ele mata né, a doença, porque tem algumas doenças que as ervas tradicionais né, da cultura saram, acaba com a doença né, que nem o remédio da farmácia faz isso. “Tem remédio de que farmácia que controla, e tem ervas que cura as doenças”. Um exemplo é a “pilepsia”, tem remédio pra ele sim, tem cura na medicina tradicional, das ervas tradicionais, tem mais forças né pra curar. Nos dias de hoje o que agente ainda usa bastante mesmo na cultura é o, as ervas para dor, quando a mulher tá pra ganhar neném aí é o que mais usa as ervas, é pra hora do parto né das indígenas que agente usa bastante ainda banho, chá né que agente faz e também pra derrame cerebral usa muito as ervas, é pra gripe né que é o bronquite a gente usa bastante o xarope ainda né aqui, nossa aldeia usa bastante e

pra febre, banhos ainda usa algumas pessoas também usa banho para febre e é isso.”

Outro exemplo foi a Covid-19 que muitos de nós cuidamos usando os remédios tradicionais, como já falamos no relato anterior de Dona Bia, abaixo segue a receita de seu xarope, usado por muitos da comunidade.

Preparo do xarope (RECEITA DE BIA)

Agente pega primeiro todas as folhas das ervas medicinais, que agente usa no xarope, aí agente cozinha né, na panela grande que pega uns oito ou dez litros de chá, aí pega a quantidade de açúcar né, que põe no xarope, e aí agente bota pra ferver novamente aquele xarope, e aí depois quando tá fervendo agente põe uma pedra de barro no fogo e quando ela está vermelha dentro do fogo, agente pega um quilo de açúcar, joga essa pedra dentro desse açúcar e tapa, sacode até queimar o açúcar ficar preto em redor da pedra, agente pega essa pedra com açúcar e joga dentro do chá, novamente, aí depois coa e põe pra ferver de novo, até da o ponto né, que fica meio melando assim, grosso, o xarope, e aí agente toma.

Cada litro de xarope é feito cum, o ponto dele é um quilo de açúcar né, que a gente usa. De primeiro agente usava mel de abelha né, mas agora mel de abelha está difícil, a gente usa o açúcar mesmo agora.



Fonte: fotografia de Erlânio, acervo da autora, 2022.

A partir das conversas com nossas entrevistadas e da minha experiência descrevo algumas ervas medicinais utilizadas para Covid-19 em minha aldeia.

- *Para banhos:*

Guiné, macela, carqueja, bamburar, bek, novalgina. Todos esses servem para o tratamento de febre.



- *Para os chás:*

Boldo, cardo santo, melãozinho, cravo da índia, folha de pitangueira, gengibre, limão. xarope de ervas medicinais.

- *Sucos e sumos:*

Para meu filho, fazia suco de laranja ou também de limão, com gengibre. Bata tudo no liquidificador, coar e dá para ele beber. para mim e meu esposo, tirava sumo de boldo com gengibre.

As ervas:

<p>Carqueja</p> <p>Utilidade: combate a febre e diabetes.</p> <p>Preparo: ferva as folhas.</p> <p>Modo de usar: bebe-se o chá e toma-se o banho.</p>	 A photograph of the Carqueja plant, showing its long, thin, green stems and narrow, lanceolate leaves. The plant is shown against a light background.
<p>Bek</p> <p>Utilidade: serve para abaixar a febre e dor de cabeça.</p> <p>Preparo: pega os galhos e folhas, põe no fogo para cozinhar até ferver.</p> <p>Modo de usar: tomar banho no corpo todo e se a cabeça estiver doendo pode banhar a cabeça também.</p>	 A photograph of the Bek plant, showing its thick, green, upright stems and large, heart-shaped, serrated leaves. The plant is shown against a light background.

<p>Bamburrá</p> <p>É uma planta muito importante, gosta mais de lugar úmido. É pequena e tem folhas meio compridas.</p> <p>Utilidade: Baixa a febre.</p> <p>Preparo: pegue as folhas ou até mesmo galhos, coloque numa panela com água e cozinhe, até ferver.</p> <p>Modo de usar: depois de cozido, deixe esfriar e tome o banho e bebe um pouquinho desse chá.</p>	
<p>Macela</p> <p>Utilidade: serve para febre e lançadeira</p> <p>Preparo: pegue o pé da planta, lave e coloque para cozinhar junto com outras ervas para fazer o banho. Deixe cozinhar até ferver, tire do fogo deixe esfriar e coa o banho tirando as folhas.</p> <p>Modo de usar: para a lançadeira é o chá da macela puro, e para o banho pode ser misturado com outras ervas.</p> <p>Não deve sair ao vento quando toma banho de ervas.</p>	
<p>Boldo</p> <p>Utilidade: cura dores no estômago, intestino, cólicas e serve também para quando a menstruação some, aí toma o chá do boldo para ela vir.</p> <p>Preparo: lave bem lavado, amasse as folhas e ferva com um pouco de água durante uns dez minutos, fazendo o chá da folha, deixe esfriar.</p>	

<p>Modo de usar: tome o chá três vezes ao dia, antes do café da manhã, antes do almoço e quando for dormir.</p>	
	<p>Fotos: Dária Braz, 2022</p>

4.4 Cuidados prestados no Centro de Saúde

Para falar sobre os cuidados prestados em Barra Velha no Centro de Saúde convidamos a entrevistada Ilma Oliveira, 34 anos, que é indígena, técnica em enfermagem, mora em Barra Velha, e trabalha há 16 anos na saúde indígena. Trabalha desde os 14 anos, quando começou a trabalhar de voluntária na área de odontologia com o dentista Eduardo Biral, aí foi gostando do trabalho e algumas lideranças se mobilizaram com o trabalho, e conseguiram um contrato junto a prefeitura como Agente Indígena de Saúde (AIS).

Foto 4: Ilma Oliveira. Aldeia Barra Velha, 2022.



Fonte: Fotografia Ilma, acervo da autora, 2022.

Foi aí que Ilma pegou gosto cada vez mais para ajudar nosso povo.

“Com o tempo observei a importância de ter profissionais capacitados para ajudar cada vez mais a comunidade. Aí a enfermeira Sônia Helena, falou - Ilma, por que você não estuda e faz um curso em enfermagem? É

muito bom para você. E eu respondi, será? Foi aí que o dentista, Rodrigo Pimenta incentivou e me matriculou, na Escola Padre Mateus, onde fui fazer o curso e graças a Deus, hoje trabalho em minha comunidade ajudando meu povo. Há cinco anos trabalho como técnica em enfermagem, no trabalho fica mais como vacinadora da equipe de saúde um programa que mais se identifica que é a imunização: “vacinar é um ato de cuidar”.

Ela comenta sobre a situação da saúde atualmente em Barra Velha:

“Hoje em dia podemos dizer que não está muito bom e nem muito ruim, pois temos profissionais capacitados para atender a população que também não é o suficiente para atender as demandas das comunidades, onde em Barra Velha temos o centro e mais quatro extensões para atendermos, onde encontramos bastante dificuldade principalmente para irmos nas localidades, onde em algumas delas não temos Ais, deparamos com situações difíceis tentando fazer o máximo de nós para atendermos nossas comunidades. Hoje em nossas comunidades temos pacientes: diabéticos, hipertensos, depressão, alcoolismo, violência doméstica, Covid-19 e entre outras. Em questão de transporte temos um transporte para fazer todas as demandas onde esse transporte não é suficiente para nos dar o atendimento que a gente precisa, então esse transporte é para trazer a equipe para a aldeia, levar pacientes para fazer procedimentos, então dificulta muito para nós, é muito difícil.”

Nossa entrevista foi realizada via “WhatsApp” e para ficar registrado essa entrevista como um resultado de minha pesquisa, resolvi fazer um Podcast com os áudios da técnica de minha comunidade para que todos possam ouvir um pouco mais a realidade de nós indígenas brasileiros em relação a saúde indígenas.

Acesse aqui o Podcast da minha entrevista com Ilma Oliveira.



Foto 5: Equipe de Saúde de Barra Velha. Milena, Cris, Ilma, Daliano, Sayad, Raquel, Carlos Sandro, Iberê e Taicia (da esquerda para direita).



Fonte: fotografia de Ilma Oliveira, acervo da autora, 2022.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De início eu tinha como tema de trabalho da conclusão de curso, as transformações na saúde indígena na aldeia Barra Velha, porém, com a chegada da pandemia isso mudou um pouco ficando então “As transformações na saúde indígena de Barra Velha, no contexto da pandemia de Covid-19”.

Conto minha experiência, de minha mãe e de pessoas da minha comunidade em relação a Covid-19. Neste trabalho deixo as experiências de meu povo, suas maneiras de cuidar da saúde com os medicamentos tradicionais, mesmo em momentos difíceis numa pandemia. Acredito que meu trabalho será útil para nossos jovens e comunidade verem como é importante manter nossas tradições principalmente o uso de nossas ervas medicinais no tratamento de doenças que muitos acreditam não ter um remédio específico. Devido a falta de remédios farmacêuticos e para não deixarmos de usar as ervas, valorizando assim a nossa cultura. Nós indígenas sentimos a necessidade de registrar a sabedoria de nossos anciãos sobre estas ervas medicinais que curavam e curam as suas doenças. Por isso o interesse de resgatar, plantar e valorizar o conhecimento das ervas que fazem parte da nossa cultura, para que assim possamos alertar nosso povo para que não deixem de usar as ervas medicinais passadas por nossos **ancestrais**.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BANIWA, Braulina; TUXÁ, Felipe Cruz; TERENA, Luiz Eloy. Apresentação. **Revista Terena**.2020. DOSSIÊ. Pandemia da covid 19 na vida dos povos indígenas, n3 out/novembro, 2020. p.9-11.
2. KRENAK, Ailton. **O amanhã não está a venda**. editora COMPANHIA DAS LETRAS. 2020.

APÊNDICE 1

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Dária Cristiano Braz.

Nome da entrevistada:

Idade:

Um breve relato sobre a história da pessoa:

Data da entrevista:

1) Descrever a questão da saúde.

1. Como está a saúde hoje na nossa comunidade?
2. O que vem causando a hipertensão nas comunidades indígenas?
3. O que vem causando a diabetes nas comunidades indígenas?
4. A alimentação ocidental implica de alguma forma na saúde indígena?
5. O que vem causando a Covid-19 nas comunidades indígenas?

2) Mostrar as transformações e/ou diferenças do atendimento do passado e as de hoje.

1. Como você acha que as pessoas cuidam da saúde hoje?
2. E qual a diferença do cuidado que era feito antes?
3. Como os nossos anciões cuidavam de pessoas com doenças vindas de fora da aldeia? Como por exemplo a Covid-19.
4. Por que quase já não utilizamos os remédios tradicionais do nosso povo?
5. Em quais casos utilizamos mais os medicamentos tradicionais ainda nos dias de hoje?
6. Será que os medicamentos tradicionais têm o mesmo efeito que os medicamentos não indígena?
7. O que algumas pessoas acham de ter as duas medicinas ligadas uma à outra (medicina tradicional e medicina do branco)
8. Como as pessoas cuidam da Covid-19 nas comunidades indígenas?
9. Para pessoas da saúde: Como foi para a equipe de saúde indígena passar por esse momento pandêmico?

Para anciãos: Como foi para os anciãos passar por esse momento pandêmico?

Para pessoas que tiveram Covid-19: Como foi para você passar por esse momento pandêmico?

10. Como seria a pandemia do Covid-19 se tivesse ocorrido em tempos que não existisse transporte na aldeia?
11. Qual a visão de pessoas da comunidade sobre a vacinação da Covid-19 nas áreas indígenas? As mudanças foram boas ou ruim?

3) O objetivo do meu trabalho é verificar quais os impactos e as melhorias que a saúde indígena enfrenta ao longo do tempo